A Casa Tombada

Pós-graduação em Coordenação Pedagógica: Cartografias da diversidade e das singularidades na atuação coordenadora

Gabriela Lopes Ventola

Lugares de formação estética continuada da professora e artista

São Paulo, 2022

Gabriela Lopes Ventola

Lugares de formação estética continuada da professora e artista

Trabalho de conclusão de curso submetido à Casa Tombada como parte dos requisitos para o encerramento do curso de pós-graduação lato sensu em Coordenação Pedagógica: Cartografias da diversidade e das singularidades na atuação coordenadora realizado sob orientação e escuta do professor Giuliano Tierno de Siqueira.

São Paulo, 2022

Dedico este trabalho à minha avó Iolanda, aos educadores e coordenadores que atravessaram minha vida ao longo dos anos e à equipe de artistas do Atelier Piratininga.

Resumo

O presente trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Coordenação Pedagógica apresenta três textos escritos em tempos e vozes diferentes de acordo com meu processo auto investigativo em esferas de atuação na escola e no ateliê de artista.

Para iniciar as narrativas sobre a formação estética continuada da professora e artista, recuperei memórias e histórias da infância para contextualizar a minha primeira experiência do campo sensível dentro do ateliê de costura da minha avó Iolanda. Neste momento, apresento relatos e fotografias da minha trajetória e da construção de uma relação de aprendizagem pelos afetos.

O segundo texto, conta algumas vivências como professora de Artes em um território escolar. Apresento situações em que meu percurso pessoal atravessa o profissional e como minha formação estética dentro e fora da escola influencia as diferentes maneiras de ocupação desses lugares.

Por último, apresento um texto com voz poética que narra de modo atemporal as experiências da prática dentro do Ateliê Piratininga, no qual atualmente produzo minhas gravuras.

Este trabalho apresenta um conjunto de vozes que fala sobre os múltiplos lugares da minha formação estética continuada e como essa formação contribui para que eu habite lugares tão próximos e que são campos de estudo tão diferentes, com linguagem e formas distintas. Este curso de pós-graduação possibilitou o encontro com todas essas minhas narrativas, com suas potências e fragilidades, aceitando e valorizando meu lugar de fala afetivo, inventivo e impermanente. Esta é uma escrita auto referencial, autoral, de estudo e análise dos meus próprios caminhos, de cartografias das minhas aprendizagens e descobertas.

Palavras-chave: formação estética, afetos, escrita autoral, cartografia.

Sumário

Introdução_____5

Parte I: Os lugares e os espaços_____6

Parte II: Ateliê afetivo: O ateliê Iolanda_____8

Parte III: O lugar ateliê na escola_____13

Parte IV: Ensaios poéticos sobre a formação no ateliê de artista_____18

Conclusão_____23

Referências_____28

Introdução

Neste texto de conclusão de curso, escolhi realizar uma escrita com três vozes. A primeira delas é a voz de quem conta um relato de experiência de infância, uma das minhas primeiras formações artísticas, no ateliê de costura da minha avó paterna Iolanda. A segunda voz é a da arte educadora que relata histórias da sala de aula, situações da escola mas que também atravessam situações da vida. A terceira e última voz é a da artista que me tornei. Ela escreve um ensaio poético, uma tentativa de investigação interior e de seus processos de aprendizagem dentro do Ateliê Piratininga. Para compor o texto, a imagem como referência, a poesia visual que acompanha a escrita.

Parte I

Os lugares e os espaços

Para contextualizar a escrita deste texto, preciso fazer um breve relato de minha formação pessoal até o presente momento. Desde criança, estive em contato com os saberes e fazeres manuais, pela convivência com uma figura muito importante em minha vida, minha avó paterna e pelo desejo interior da busca por sentidos e pela necessidade de expressão. Na minha família eu fui a irmã e prima mais velha em um grupo de crianças bastante inventivas. Sempre fomos muito estimulados ao brincar livre, principalmente pelos lugares que ocupamos, a oficina de costura da minha avó, o quintal da minha tia, os pés de manga na casa da bisavó, os labirintos do canavial, o rio Grande, a rua não asfaltada, as praças, a horta, o tanque, a casa em construção.

Vivemos uma infância com poucos brinquedos comprados, mas com muita imaginação para construir e criar. A situação socioeconômica de meus pais e avós me fizeram viver em certos lugares, reais e imaginários. Meus relatos neste texto são histórias pessoais desses lugares vividos e sentidos, atravessados pela arte, pela experiência estética, pelas relações, memórias, aprendizagens, são relatos de lugares e espaços em que eu fui educanda e educadora.

Experiências na infância - Acervo pessoal

Esta pesquisa será constituída pelo conjunto de relatos, uma espécie de topoanálise desses lugares de formação desde a infância até a vida adulta. O ateliê foi esse lugar interno e concreto de mapeamentos e de escrituras que me possibilitaram ser uma professora inventora, uma artista educadora. Minha intenção com este ensaio é relatar e relacionar aspectos vividos em todos esses lugares ateliês por onde passei com aspectos da formação docente.

O que busco com os meus relatos das práticas nesses diferentes espaços é refletir sobre o lugar como uma possibilidade de ampliação de uma vivência de cultura de ateliê, algo que faz parte da rotina de aprendizagem e trabalho dos artistas e que o educador e pedagogo italiano Loris Malaguzzi propôs como conceito nas escolas de Reggio Emilia. A formação na cultura de ateliê é permeada pela sensibilidade, pelo cuidado, pelos afetos, por poesia e por marcas duradouras na experiência humana.

Pensar na cultura do ateliê é entender um lugar como potência de criação no campo das ideias e das ações, de crianças e educadores, nas práticas investigativas de materialidades, no campo da estruturação e sistematização das ideias, na nutrição e ampliação de repertório estético. Os aspectos organizacionais do ateliê, nas escolas de Reggio Emilia, são pensados para que o ambiente seja também educativo e sedutor às investigações dos alunos e professores. A escolha dos materiais, suportes, riscantes, a disposição como os objetos são arranjados em bancadas e mesas, a forma como os itens são dispostos próximos do campo de visão das crianças ou ainda a presença de gavetas transparentes ou abertas, tudo isso é um aspecto formativo para olhar e para o corpo em movimento. Nas oficinas de artistas, é comum que os materiais estejam à mostra, que as tintas possam ser vistas, tudo fica no campo de visão do artista. Como parte do processo criativo e de pesquisa, observamos tudo que está ao redor. Se o ateliê tem uma janela ou porta amplos, com visão para um lugar bonito ou inspirador, isso faz toda a diferença para quem trabalha no espaço.

Considero esta escrita pessoal uma pequena contribuição para o campo dos estudos em educação que se debruçam também sobre os estudos da arte e seu papel fundamental nos processos de existência e resistência de professores em nossa sociedade. Assim como Paulo Freire, sou uma grande cultivadora do sentimento de esperança pelo futuro da educação em nosso país, principalmente por acreditar na emancipação e no fortalecimento das redes de professores. Como ele disse:

> Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança.(FREIRE, 2018, p. 70)

Parte II

Ateliê afetivo: O ateliê Iolanda

Quando comecei a pensar sobre o que era o ateliê para mim hoje, precisei voltar um pouco no tempo e rever na minha infância as vivências que tive em ateliês. O primeiro de todos os ateliês que frequentei vou chamar aqui de Ateliê Iolanda. Essa foi a casa da minha avó paterna, ela era e ainda é minha grande referência de artista e artesã. Todo fazer manual para ela sempre foi ofício e prazer. Quando eu tinha oito anos de idade ela me ensinou a costurar em sua oficina caseira, a mesa de jantar, na máquina que havia sido da minha bisavó. A máquina era manual e exigia muita destreza, com a mão direita eu girava uma roda e assim o motor fazia a agulha subir e descer e, com a mão esquerda eu manuseava o pano de teste, tentando dar pontos em linha reta. Aquela atividade parecia ser muito mais complexa do que as minhas habilidades para aquela idade e muito mais do que aprender a costurar em linha reta, eu aprendi que minha avó confiava em mim e me oferecia todas as ferramentas disponíveis para que eu conseguisse acertar depois de tantas tentativas. Penso que confiança é

um elemento importante no lugar ateliê , por mais que sempre exista insegurança, medo e o inevitável erro.

O ateliê Iolanda tinha cheiro de loja de tecido antiga da 25 de março. Tudo estava devidamente organizado por tipos de materiais, a caixa das linhas para máquina, das linhas grossas, dos fios de barbante, uma caixinha improvisada para as agulhas. No fundo de uma das gavetas quebradas tinha um emaranhado de linhas que toda vez que eu abria sentia a enorme necessidade de separar e enrolar por cor e tipo.

O ateliê tinha itens de gerações passadas, tem sempre aquele material de marca antiga que é muito melhor que as marcas de hoje. A dona do ateliê também guardava seus registros de escritas e desenhos categorizados e organizados.

No ateliê da dona Iolanda o tempo não passava. Cada vez que eu demonstrava curiosidade em alguma técnica ou queria aprender algo novo, ela se empenhava em buscar em seus livros e catálogos tudo que eu precisava para começar. Passávamos horas remexendo materiais, sacos, gavetas, caixas. Vez ou outra nos deparamos com fotos do passado e isso enchia nossas tardes de assunto. As conversas faziam parte do nosso processo criativo, seja para fazer roupinhas de bonecas e inventar histórias para elas, seja para pensar em desenhos e estampas, ou para dar aquele respiro no trabalho manual.

O lugar do ateliê que descrevo aqui como minha primeira experiência dos fazeres manuais e inventivos é um lugar de afeto. Tudo que aprendi nesse espaço, que mudou de paredes muitas vezes, foi mediado por sentimento, por admiração, por proximidade, por amor.

Aqui estou falando sobre as tramas de relações que se estabelecem na aprendizagem, no vínculo afetivo do educador com o educando, no que permite e permeia a vida no ateliê. Sem a troca com o outro, nada se materializa.

Iolanda com sua máquina de costura – Acervo pessoal

O lugar ateliê de afeto é um espaço de construção pela palavra que sai e que entra. Afeto tem cor, tem cheiro, temperatura, marca, história, tem toque. A experiência de aprendizagem no contexto em que o sujeito se percebe como atuante no seu processo, acompanhado pelo olhar atento do educador é uma aprendizagem significativa e que ficará registrada na memória e no corpo. Sobre essa aprendizagem, Fátima Freire diz:

> A aprendizagem se torna significativa quando possibilita a construção de conhecimento. Contudo, não construo conhecimento se não me aproprio dele como pessoa criativa, capaz de pensar e desejar. No entanto, como o processo de aprendizagem é um processo interativo pelo qual ocorrem transferências, para que o educando aprenda, acredita que seja capaz de criar significados, de pensar, sonhar e desejar. Assim, aprender de forma significativa implica construir significados próprios que estão relacionados com a história de vida de cada um e

> com a sua forma de estar no mundo. (DOWBOR 2008, p. 68).

Agora adulta, penso em tudo que aprendi pelo afeto no ateliê Iolanda e como esse aprendizado foi desenhando as escolhas que fiz para o meu caminho como artista até aqui e como isso afetou nossa relação neta-avó. Nos ateliês de artistas é comum que aconteçam as trocas de ensinamentos intergeracionais, dos profissionais mais vividos e experientes para os mais jovens e vice-versa.

Esse primeiro ateliê que conheci me ensinou e me formou para que eu tivesse um olhar curioso, para que eu desejasse a busca por respostas e por soluções inventivas, para que eu pudesse brincar e imaginar com liberdade e afeto.

Iolanda fazendo macarrão - Acervo pessoal

Que mãos rápidas

Sobem

Descem

Viram do avesso

Dobram-se

Dedos estalam

Gesto grande

Gesto pequeno

Mãos assim são boas de plantar,

De colher, de regar, de capinar,

De trabalhar!

De trabalho árduo e de trabalho enfeitado.

No dia de descanso das mãos,

Elas se põem a amassar, sovar, enrolar, apertar.

Essas mãos não descansam,

São mãos boas de trabalhar, de cozinhar

E de acariciar.

As mãos da Dona Iolanda não param.

Por Gabriela Ventola

Aponte a câmera do celular para acessar o relato de áudio narrado pela Iolanda.

Parte III

<u>O lugar ateliê na escola</u>

Registros das aulas de Artes – Acervo pessoal

“Precisamos trazer a vida para a educação.

Precisamos trazer a educação para a vida.

Para isso, precisamos de poesia –

Na vida e na educação.

Nosso tempo é atravessado

De muitas agonias e muitos partos.

Ainda não sabemos

O que há de prevalecer.

O futuro depende

Do que fizermos agora.”

(ANTONIO e TAVARES, 2020, p. 59)

Dentro das escolas por onde passei, incluindo nas que conheci como estudante, ateliê era lugar de muita agitação. Mesmo nos dias de calmaria, a agitação era interior, era uma agitação criadora, que movia pensamentos.

Pensando na minha trajetória de formação até me tornar arte educadora, sinto-me uma pessoa afortunada por poder trabalhar com o assunto que move a minha própria existência, a arte. Como sempre fui uma criança reservada, de poucas palavras mas ao mesmo tempo muito curiosa e autodidata, encontrei no campo das artes assuntos que me ajudaram a desvelar minha própria identidade e um sentido de propósito na vida.

Não à toa, todo assunto que atravessa minha vida pessoal acaba tornando-se assunto na pesquisa como artista e depois vira matéria de discussão nas aulas com as crianças e adolescentes. Como quando comecei a pensar sobre minha pesquisa para esta pós-graduação e o que faria sentido enquanto conclusão de estudos e me deparei com a minha produção em série de autorretratos no ateliê de gravura. Logo depois, comecei a lecionar no itinerário formativo do Ensino

Médio no Projeto de Vida e nada fez mais sentido do que a produção de textos autobiográficos e de imagens de autorretratos.

O exercício de entender quem eu sou e quais papéis ocupo nesses diferentes espaços é uma trajetória de autoconhecimento, de análise e pesquisa sobre o meu processo de aprendizagem e como o que eu aprendo afeta o que eu ensino aos meus educandos. Como parte importante desse ciclo, eu invisto muito tempo e energia estudando artistas, lendo livros de diversas áreas de interesse, visitando exposições, desenhando, brincando, pensando, conversando sobre temas latentes e desse modo vou estruturando formas de trabalhar um determinado assunto em sala de aula e no ateliê.

Visita à exposição Sopro do artista Ernesto Neto - Acervo pessoal

Em uma ocasião durante as aulas, fui observando e percebendo uma grande dificuldade entre os alunos de respeitarem turnos de fala para que ouvesse uma escuta mais apurada. Lembrei da tantas tardes que passei ao lado da minha avó ouvindo suas histórias de infância enquanto fazíamos bordado, costura, tricot. Propus uma roda de tricotear com meus alunos, expliquei sobre essa prática familiar e a importância de poder contar cada um sua história, de ouvir histórias de outras pessoas e nos encontrarmos eventualmente nas palavras de outros. O evento que deveria durar um dia na escola fez tanto sucesso que os alunos insistiram por mais dias de tricot com conversa.

Observo nessa experiência de aprendizagem, que foi muito maior do que aprender e ensinar a tricotar, uma prática muito comum nesses lugares de ateliês, a prosa. Em todo

café entre docentes percebemos a necessidade da troca, esse espaço não institucionalizado é sim lugar de formação, de aprendizado e de ampliação de rede, de repertório, de prática, de cuidado.

O ateliê da escola tem muita coisa em comum com os espaços de ateliês de artista, a começar pelo aspecto coletivo. Quando ocupamos um lugar dividido com outros indivíduos, precisamos adotar certas práticas de cuidado, organização e de gestão democrática de espaços. Muitas vezes ouvi de coordenadores e supervisores frases do senso comum sobre o que muitos podem chamar de “bagunça” no ateliê, como por exemplo, “o ateliê é lugar de bagunça” ou ainda, “bagunça quer dizer vida no ateliê”. Ao contrário do que muitos podem pensar, existe uma lógica organizacional muito grande por trás de todos os materiais dispostos no estúdio. Existe uma diferença entre bagunça e desorganização. Todo educador precisa de uma organização mínima de seus registros, anotações, planos de aula, arquivos, etc, para conseguir administrar as demandas da rotina do trabalho.

A experiência de investigação de materiais só é possível devido ao rigor na seleção, categorização, separação, limpeza e disposição dos objetos colecionados ou comprados. Segundo a cultura de ateliê das escolas em Reggio Emilia, existe uma relação direta entre o modo como os educadores preparam criticamente o espaço para receber os alunos e a qualidade das interações que ali ocorrem. Neste caso, a sala de aula é o terceiro educador, ela promove a curiosidade no olhar do aluno, as investigações, experimentações e os estímulos sensoriais.

Além disso, as paredes da sala de aula falam e auxiliam na alfabetização para as artes e para o conteúdo vivido ali. Nas paredes do meu ateliê na escola, procuro deixar imagens já visitadas em aulas passadas e outras que conversam com elas e podem gerar questionamentos. Certa vez trabalhávamos com autorretratos de artistas mais conhecidos como Frida Kahlo e Tarsila do Amaral no segundo ano, então fixei algumas reproduções de obras dessas artistas pelas paredes. Pensando em ampliar o repertório de autorretratos, coloquei desenhos de outros alunos de turmas do Ensino Médio e também de artistas ainda não visitados e mais contemporâneos, como Edgard de Souza e Jean-Michel Basquiat. Assim que os alunos entraram na sala, foram logo visitar as novas imagens, como uma sala de exposições no museu. Fizeram várias perguntas, observaram coisas em comum, tentaram entender como cada um teria criado aquela obra, alguns ainda disseram “um dia eu vou ser um artista bom assim”.

Em todos os meus anos como professora de Artes, fui construindo uma trama de conteúdos, objetivos, espaços, materiais, referências, percepções, dinâmicas, sensações que me trazem até aqui e agora. Nas ações dos alunos entendi o ritmo do meu passo, ajustei meu corpo e minhas expectativas. Nas palavras ditas, sempre tudo o que reverberou, recebi resposta, recebi silêncio, recebi recusa. Entendi que a escuta é feita com o corpo inteiro, admirei as dimensões do fazer e do sentir em uma sala com quatro paredes. Em tantos momentos, testemunhei gestos de ternura e de generosidade, em outros de frustração e de raiva.

O principal ingrediente na construção de um estado de arte é a movência, aquela capacidade de se deixar atravessar por uma imagem, por uma palavra, pelo sentimento do outro, pelas sensações, por algo. Essa é uma das dimensões da arte que sinto e vivo na sala de aula e no ateliê, como artista. Saber que estou em constante estado de impermanência, que estou inacabada e pulsando por conhecer algo novo sempre, é uma espécie de motor de criação para a professora e para a artista.

Para viver esse estado pleno de inconstância e de desejo de criar, eu mantenho a sala de aula como uma espécie de espaço do incompleto. Há sempre algo por fazer, por pendurar, por expor, por guardar, por classificar e ordenar. Como a sala de aula na escola é de todos, esses aspectos de incompletude são modificados e alterados pelos habitantes desse lugar ateliê.

Registros das aulas - Acervo pessoal

Parte IV

Ensaios poéticos sobre a formação no ateliê de artista

Xilogravura produzida no Atelier Piratininga

Rever-se

É preciso habitar-se para conhecer as inúmeras dimensões e caminhos do pensar e do sentir. Quando sou artista, olho para dentro, vejo e revejo as marcas de tudo que vivi, é dia e é noite.

Aprendi a olhar cuidadosamente, silenciosamente, rigorosamente para o mundo que me rodeia. Quando se é menina pequena e quieta, tudo fica mais simples para os outros.

A mulher observa, cuida, FALA MUITO ALTO, fala baixo, diz e se contradiz.

São muitas telas não pintadas, muitos papéis em branco, muita tinta desperdiçada, muitos desenhos no lixo, lugares não ocupados, vidas não vividas.

Rever-me, revendo-me.

Olhar para quem eu sou. Ouvir a minha voz. Saber do meu traço.

Desejo é impulso.

Desejo viver. Não só existir. Viver em tudo que eu possa ser. Ocupar.

Quando as mãos desejam falar, elas se movem em todas as direções.

As mãos cortam, desenham, riscam, lixam, modelam, pintam, sangram.

Impulso é medo e coragem.

A artista trabalha com as mãos.

Mãos de Gabriela, mãos de Iolanda.

Ideia às vezes parece surgir das mãos. As ideias devem sair aos poucos de algum lugar de dentro, das entranhas, do estômago, dos rins, atrás dos olhos cansados.

A verdade é que enquanto caminhava eu pensava, lembrava de tudo.

Toda lembrança é um desenho em aquarela pairando nos meus pensamentos.

Quem tem tempo para pensar tanto?

Ideia, inspiração também vem da rua, de outros corpos, da natureza, da música tocando lá no fundo, de um desejo por significar, por inventar narrativas, por reescrever finais, por começos.

Quando o corpo está frenético, os desenhos estão soltos, são linhas tortas, são manchas, são desenhos feios, são coisa nenhuma, são imperfeições, são borrões, madeira lascada.

Eu sou imperfeita, incompleta, torta, desorganizada, confusa, linha emaranhada. E isso é bem bonito.

Todo erro é fissura, ferida aberta. Também é uma nova perspectiva.

Eu pinto uma paisagem com tinta vermelha de sangue.

O erro me faz lembrar de que estou aqui e que posso sempre recomeçar.

O ateliê é lugar de encontro.

No encontro é que fazemos as melhores fotografias, pinturas, bordados.

Quando estou no estado ateliê, encontro-me com a minha infância, com a espontaneidade, com a simplicidade.

Quando estou buscando saber sobre mim, encontro-me nas páginas dos cadernos rabiscados, nas manchas de tinta aquarela, nos veios da madeira torta.

No lugar de criação, tudo é possível, permitido.

Tudo que se quebra deixa marca e história nos pisos, paredes e mobília.

Contemplar.

Sigo apreciando, desmanchando, movendo-me, despedindo-me.

Adeus à menina sem voz.

Adeus ao medo paralisador.

Adeus ao silêncio.

Adeus ao corpo sem desejos.

No presente, contemplo meus sentidos, minha dor, meu prazer.

Transformo em matéria, em amor, afeto, arte.

Sinto que não existiria se não fosse pela arte.

Estou planando nas transformações.

Curiosa, vou abrindo gavetas e portas, buscando vestígios das histórias de outros artistas.

A curiosidade é também ânsia, combustível para a invenção.

Como artista e como professora, sou inventora.

Estar sem tempo é quase como uma prisão.

A experiência no ateliê é um atravessamento de acontecimentos e de pessoas.

Sinto permeabilidade nas relações, nas palavras, nas imagens.

Na escola, no ateliê e na vida sinto que sou atravessada pelas experiências, quero vivê-las, senti-las.

O estado de quem está presente, pulsante.

Transbordo e me inundo.

Nas perguntas, nas buscas, nas escolhas, nas decisões.

A pesquisa aqui sou eu.

Uma trajetória de ocupação de muitos lugares ateliê.

Visito a arquitetura do ateliê e abro janelas de devaneios.

Entre lápis, caneta, papel, tinta, pincel, tecido, cordão, espátula, goiva, esteca, torno está um corpo em movimento.

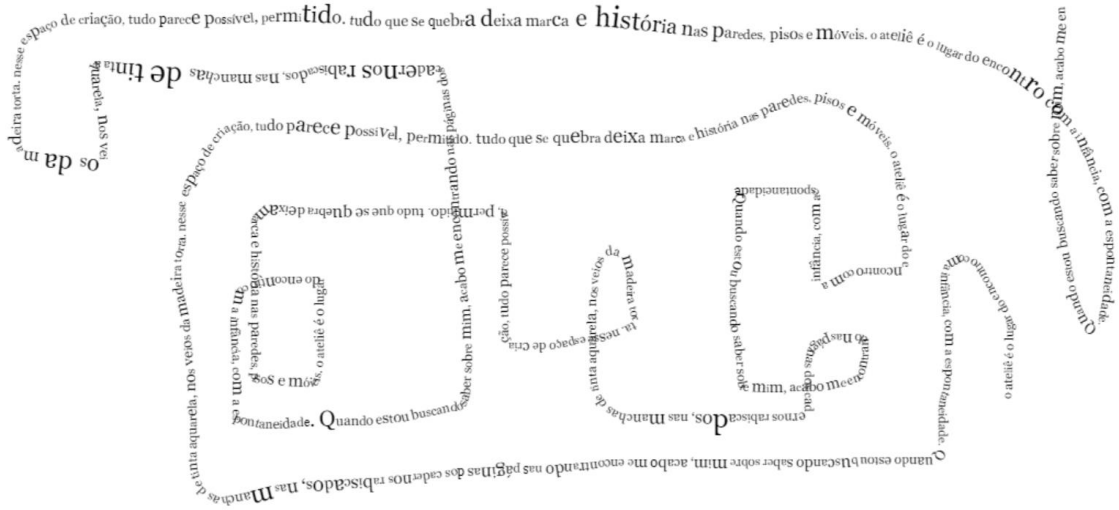
O ateliê convida para a ação, para o desequilíbrio.

Lugar do objeto de estudo, do produto artístico. Lugar dos modos de fazer, da metodologia do fazer.

Esboço um desenho que percorre os cômodos, ferramentas, retratos.

Tempo é lugar, espaço e experiência.

Pratico a liberdade.



Lugar ateliê - Poema visual

Intervenção sobre fotografia - Poemas visuais

Conclusão

Uma escrita autorreferencial

Porque as palavras estão por toda parte,
Proferimos palavras, mas também somos proferidos por elas.
Porque as palavras estão por toda parte,
Elas implicam na nossa experiência com o mundo,
Não apenas representam o mundo, mas conformam mundos, produzem mundos.
Porque as palavras estão por toda parte,

Elas são também corpo, objeto, matéria a ser reformulada, tratada, moldada.
Porque as palavras estão por toda parte,
Até mesmo na mudez e no silêncio as palavras nos tomam,
Palavras não ditas, palavras esquecidas, palavras por dizer.
Porque as palavras estão por toda parte,

Há palavras em desalinho, palavras pedindo para serem formuladas, palavras a inventar,
palavras presas na garganta.

Marilá Dardot (https://www.ufrgs.br/arteversa/palavra-imagem-objeto-marila-dardot-e-seus-limiares)

Este texto de conclusão de curso é um ensaio em muitas vozes a respeito do meu percurso de formação continuada e constante nas Artes e na Educação. Um texto auto referencial em que eu coleciono recortes de lugares, momentos e tempos diferentes da minha formação pessoal, como pessoa sensível e como artista.

Falar sobre a formação estética é abrir um leque de referências que nos são oferecidas desde os primeiros momentos de vida. Tenho a sorte de ter sido acompanhada ao longo da minha primeira infância, por uma família amorosa e

afetuosa, por irmãs que ajudaram a conhecer o mundo, que me ensinaram a me relacionar, a brincar, a inventar em grupo, a cantar, dançar. Com uma infância repleta de brincadeiras, de faz de conta, de criações caseiras, fui descobrindo as possibilidades de expressão de uma menina introspectiva.

Na infância aprendi a utilizar os recursos materiais de maneira inventiva, sempre atenta ao desperdício, ao uso consciente e criativo. No ateliê da minha avó eu tive minhas primeiras formações sobre composição visual, observando seus bordados, as roupas costuradas, os moldes, a infinidade de cores de linhas, as texturas e estampas dos tecidos. Combinar certos aviamentos com outros, organizar o espaço de trabalho, recortar, colar, pregar, desfazer ponto, desenhar foram as primeiras experiências de apreciação estética e de engajamento com as investigações artísticas.

Registros de espaços do Atelier Piratininga - Acervo pessoal

Mais adiante na minha história, tive uma formação em Arte Educação, dois campos de estudo e pesquisa muito complexos, semelhantes e avessos. Na aprendizagem e na arte lidamos com uma quebra na busca por respostas, todo questionamento causa uma ruptura com a realidade seja pela experimentação, pela não aceitação das coisas como estão postas, pela realização de que as coisas não estão terminadas.

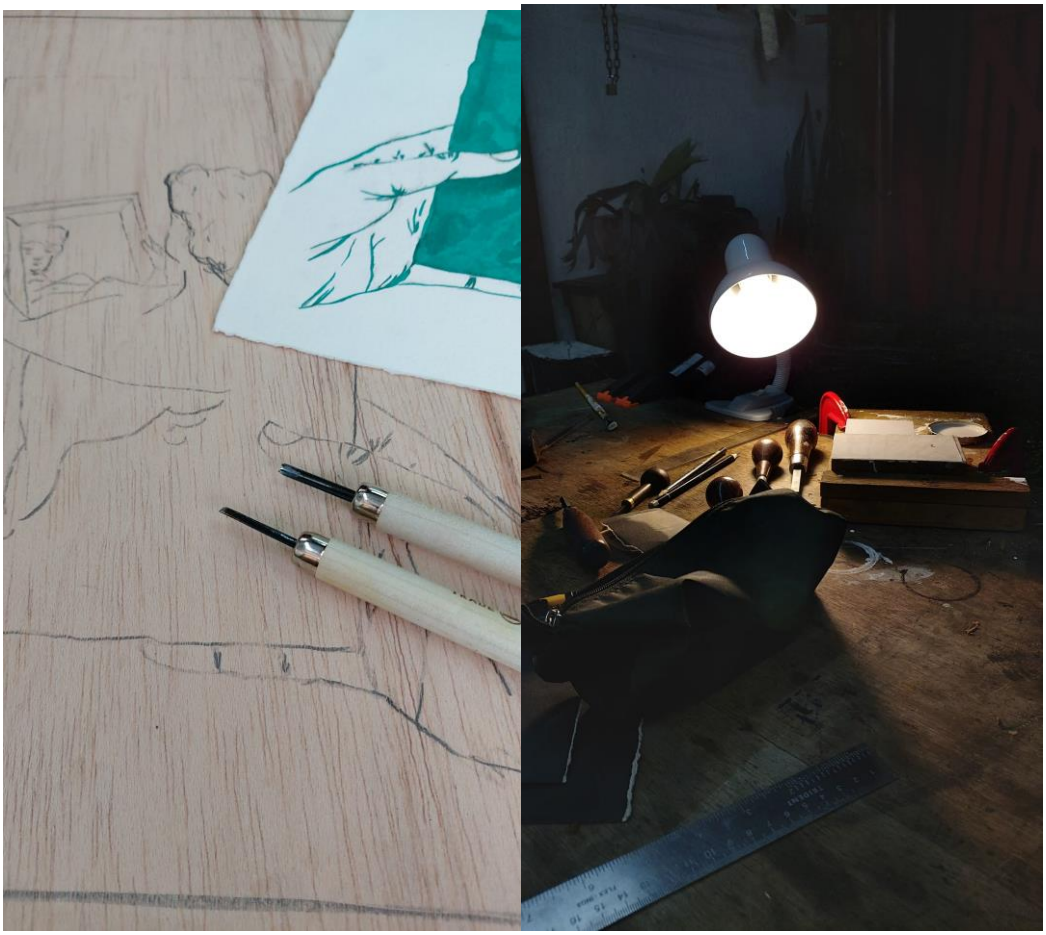
A arte causa quebra com a realidade no momento em que um indivíduo desloca-se, em que faz questionamentos a respeito do estado das coisas. A arte nos desloca para um lugar provocador, de vulnerabilidade e de desconforto, às

vezes. A imprevisibilidade da arte é desconcertante, causa movimento, possibilidade a construção de outras percepções sobre a própria realidade.

Observo meus alunos nas aulas de Artes e sua a capacidade de deslocamento e o movimento de ruptura que existe na constatação de uma nova aprendizagem, nas experimentações dos materiais, na apreciação de suas próprias produções, no diálogo com outros colegas.

O ateliê na escola tem um forte potencial para a nutrição da imaginação na infância. Imaginação precisa de alimento, de tempo para florescer, de afeto, de alguém para compartilhar, de liberdade e de respeito às subjetividades.

Para garantir a experiência estética na sala de aula, é preciso entender que esta é uma bagagem que se carrega ao longo da vida. Minha formação estética diz do lugar onde cresci, das minhas práticas cotidianas familiares, das ruas pelas quais passei, das cidades que visitei, dos museus, dos cursos, dos desenhos de projetos de engenharia na mesa do meu pai, da natureza, do prato de comida feito pela minha mãe. A escola é apenas um dos lugares em que podemos entrar em contato com essa experiência estética.



Registro do processo de produção em xilogravura - Acervo pessoal

Além da formação estética, o acesso à cultura, arte, experiências sensoriais, vivências em espaço público, convivência democrática, diálogo, contato com a natureza, com o prazer da contemplação são alguns dos ingredientes para a construção de uma sociedade leitora, crítica.

Comumente questiono-me: ocupando o lugar de formadora na escola em que atuo, como penso em ampliar as experiências do universo das artes para a experiência dos alunos enquanto indivíduos desejantes, pensantes, atuantes, políticos, cidadãos?

A arte nos coloca em estado de contraversão, de digestão e deglutição da realidade. Quando estamos munidos de uma bagagem de experiências estéticas e éticas positivas, não-violentas, amorosas podemos ocupar com maior confiança nosso lugar político na sociedade.

Minha formação estética e ética, com outros educadores, com familiares, com alunos, com lugares, com minha própria experiência de aprendizagem, como artista e como professora permitiu que eu trilhasse um percurso de descobertas sobre mim mesma.

Tendo em mente todos os desafios da docência em Artes, decidi viver a experiência da separação das áreas de atuação, ocupando então o lugar de artista no Ateliê Piratininga.

Como artista, gravurista, fotógrafa, investigo minha narrativa de vida, meu passado e meu presente. Estou atenta à cidade, às pessoas, escuto meus desejos, encontro minhas vulnerabilidades, fragilidades, potências. Vivo com ousadia o que eu acredito, preencho e ocupo o lugar em que estou.

Ao mesmo tempo em que comecei a pensar sobre este texto de conclusão, comecei uma série de autorretratos em xilogravura. Olhar para si, sendo educadora ou artista, é uma tarefa difícil. Mais complexo é expor para o outro o que percebo de inacabado, de errado, de inconstante. Acredito que para exercer minha profissão como professora, preciso estar em um movimento constante de autocrítica, de percepção das minhas urgências e das urgências dos alunos, é preciso ter permeabilidade para aceitar o erro, para rever-se, para mudar. Como artista, olhar para o espelho causa desconforto, entender o que já sei e o que eu preciso aprender é uma questão de busca de equilíbrio constante.

Apresentei aqui um dos meus autorretratos para ilustrar esse movimento de abertura, de autoanálise do meu próprio processo formativo, de cartografia da minha história como arte educadora e artista, de corpo aberto. A experiência de escrita deste texto foi muito importante para o meu processo nesta pós-graduação e como tudo anda junto, foi importante para este momento da minha vida, de celebração de conquistas, de uma retomada de carreira, de um esboço de esperança para o futuro. Aqui eu escrevi como uma forma de aprender.

Referências:

ANTONIO, Severino; TAVARES, Katia. O voo dos que ensinam e aprendem: uma escuta poética. Cachoeira Paulista (SP): Passarinho, 2020.

AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas (SP): Papirus, 1994.

BARBIERI, Stela. Territórios da invenção: ateliê em movimento. São Paulo: Jujuba, 2021.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Acesso em: 01 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/abstract/?lang=pt>

Canton, Katia. Espaço e lugar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. 3ª ed. São Paulo: Panda educação, 2020.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

FÁTIMA FREIRE DOWBOR; LÚCIAS.; DEISE APARECIDA LUPPI. Quem educa marca o corpo do outro. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 57ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GENET, Jean. O ateliê de Giacometti. São Paulo: Cosac & Naif, 2000.

GRASSMANN, M. et al. Marcello Grassmann: livro dos afetos. São Paulo: Núcleo Marcello Grassmann, 2019.

MOSSI, Cristian; KNEIPP, Carolina Goulart. Palavra-imagem-objeto:Marilá Dardot e seus limiares. ArteVersa UFRGS. 26 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arteversa/palavra-imagem-objeto-marila-dardot-e-seus-limiares/>Acesso em 30 de junho de 2022.

NITZAN, A.; EDER CHIODETTO; JOHN MARK NORMAN. Sublimação. São Paulo: Edição Do Autor, 2014.

KASTRUP, Virgínia. Abecedário Virgínia Kastrup: Cartografias da Invenção (2019). Youtube, 06 nov. 2019.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mTWns8ACYDU>. Acesso em: 18 jun 2022.